

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento

DIFERENTES PERSPECTIVAS NOS CONTEXTOS DO GT2 DA ANCIB E DA ISKO-BRASIL¹

Rodrigo de Sales – Universidade Federal Fluminense (UFF)

DIFFERENT PERSPECTIVES IN ANCIB's GT2 AND ISKO-BRAZIL CONTEXTS

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Na comunidade científica brasileira, notadamente no contexto do GT2 da ANCIB, a organização do conhecimento tem sido tradicionalmente abordada como parte integrante da Ciência da Informação. Entretanto, no contexto da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), a organização do conhecimento parece gradativamente ganhar status de um espaço investigativo autônomo em busca de seus próprios contornos científicos. De maneira especial, este discurso de autonomia encontra lugar no Capítulo Brasileiro da ISKO, principalmente a partir da segunda década do século XXI. Em que pese à literatura produzida por ambos os contextos (GT2 e ISKO-Brasil), as interfaces existentes entre a organização do conhecimento (OC) e a Ciência da Informação (CI) suscitam diferentes perspectivas. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa levada a cabo nos últimos três anos e que teve por objetivo investigar como a comunidade científica brasileira vem compreendendo as relações existentes entre OC e CI. Assim, reporta-se aos dois principais fóruns científicos voltados aos estudos de organização do conhecimento no Brasil, o Grupo de Trabalho GT2 da ANCIB e a ISKO-Brasil. A abordagem metodológica desta investigação foi respaldada pela técnica da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Os resultados apontaram uma diferença significativa na forma como o GT2 da ANCIB e a ISKO-Brasil compreendem a relação existente entre a OC e a CI, fato que pode revelar novas possibilidades e discussões epistemológicas para ambas as áreas.

Palavras-Chave: Organização do Conhecimento; GT2 ANCIB; ISKO-Brasil.

Abstract: In the Brazilian scientific community, especially in the ANCIB's GT2 context, knowledge organization has traditionally been approached as a part of Information Science. However, in the International Society for Knowledge Organization (ISKO) context, the knowledge organization seems to gradually gain the status of an autonomous research space in search of its own scientific outlines. In a special way, this discourse of autonomy finds place in the Brazilian Chapter of ISKO, mainly from the second decade of the 21st century. In spite of the literature produced by both contexts (GT2 and ISKO-Brazil), the interfaces between the knowledge organization (KO) and Information Science (IS) give rise to different perspectives. This paper presents the results of a research carried out in the last three years and whose objective was to investigate how the Brazilian scientific community has understood the relations between OC and CI. Thus, we report to the two main scientific forums focused on studies of knowledge organization in Brazil, the Working Group GT2 of ANCIB and ISKO-Brazil. The

¹ Pesquisa financiada pelo Edital Universal MCTI/CNPq 2014-2017.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

methodological approach of this research was supported by Laurence Bardin's Content Analysis technique. The results showed a significant difference in the way the ANCIB GT2 and ISKO-Brazil understand the relation between the KO and the IS, a fact that may reveal new possibilities and epistemological discussions for both areas.

Keywords: Knowledge Organization; GT2 ANCIB; ISKO-Brazil.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos relativos à organização do conhecimento de algum modo já estavam presentes nos contextos dos primeiros cursos de Biblioteconomia do Brasil. Se tais estudos não foram prioridade no curso da Biblioteca Nacional (1915), concatenado mais com a cultura e com a arte (influência da *École Nationale des Chartes*), certamente o foram nos contextos da Escola de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, entre as décadas de 1930 e 1950. Isso se justifica pelo fato de que os modelos tecnicistas importados dos Estados Unidos pelos cursos paulistas privilegiavam visões progressistas onde a geração de serviços e produtos despontavam como fundamentais para o fazer biblioteconômico, ajudando a compor o arcabouço daquilo que Souza (2003) denominou de Biblioteconomia Nova no Brasil, ou, modernização da Biblioteconomia brasileira.

Nesse sentido, influências do pragmatismo norte-americano, alavancadas na virada do século XIX para o século XX, foram definitivas no ensino biblioteconômico brasileiro. Nesse contexto, estudos de catalogação, classificação e, posteriormente, de indexação, ocuparam lugar de destaque nos cursos de Biblioteconomia do país. Com a criação do primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação em 1972, no âmbito do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), as pesquisas atinentes à organização do conhecimento passaram a ser abordadas também pela ótica da Ciência da Informação, cujas preocupações de ordens tecnológicas eram bastante visíveis. No entanto, foi no bojo da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) que a pesquisa em organização do conhecimento no país alcançou espaço de destaque e especial visibilidade, notadamente no âmbito do Grupo de Trabalho *GT2 – Organização e Representação do Conhecimento*. Foi justamente no GT2 da ANCIB, a partir da década de 1990, que professores e pesquisadores puderam alavancar e fortalecer o desenvolvimento da organização do conhecimento enquanto tema especializado da Ciência da Informação. Os grupos de trabalhos da ANCIB representam grandes temáticas especializadas na área da Ciência da Informação

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

(ANCIB, 2017). Nesse sentido, não é descabido afirmar que no Brasil, a partir da estruturação proposta pela ANCIB, a organização do conhecimento se caracterizou como um tema próprio da Ciência da Informação, na medida em que intitulou um de seus Grupos de Trabalho. Ademais, não é descabido afirmar que a organização do conhecimento é estudada predominantemente pelos pesquisadores da Ciência da Informação, que a refletem e a discutem dentro e a partir dos espaços próprios da Ciência da Informação (SALES, 2015; 2016).

Entretanto, na oitava edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (VIII ENANCIB), realizada em Salvador, no ano de 2007, pesquisadores do GT2 aprovaram o estatuto que oficialmente deu origem ao Capítulo Brasileiro da ISKO (ISKO-BRASIL, 2017). Assim, é possível afirmar que a ISKO-Brasil, representante brasileira da International Society for Knowledge Organization (ISKO), surgiu a partir das discussões ocorridas no contexto do GT2 da ANCIB. Bienalmente, a ISKO-Brasil realiza edições do Congresso Brasileiro em Organização e Representação do Conhecimento. Neste cenário, configuram-se dois fóruns principais para a pesquisa em organização do conhecimento no país: o GT2 da ANCIB e a ISKO-Brasil.

Investigar a constituição dos discursos (que aqui chamaremos de ‘falas’) proferidos pelos autores da organização do conhecimento é uma das funções das abordagens epistemológicas neste campo. Esta pesquisa lançou olhar para apenas um dos aspectos constituintes do discurso da organização do conhecimento, a saber: a interface existente entre a organização do conhecimento (OC) e a Ciência da Informação (CI). Mais especificamente, voltamos nossas atenções aos trabalhos produzidos pelos pesquisadores do GT2 da ANCIB e da ISKO-Brasil, de modo a compreender como os mesmos estão definindo a relação existente entre a OC e a CI. Em última análise, o que se objetivou foi compreender a interface estabelecida pela comunidade científica brasileira no que se refere à relação entre a OC e a CI. Uma vez que os fóruns aqui investigados se inserem em contextos distintos – a ANCIB articulada essencialmente com a CI e a ISKO-Brasil ligada fundamentalmente à OC – buscamos identificar proximidades e distanciamentos nos discursos produzidos por ambos os fóruns, que, embora diferentes, evidenciam um constante diálogo na realidade acadêmica brasileira.

No entanto, vale destacar ao leitor que o escopo da pesquisa, delimitado pelos trabalhos publicados no GT2 da ANCIB e nos congressos da ISKO-Brasil, pode constituir uma limitação da investigação, se, por sua vez, esta última intencionar uma generalização na caracterização da comunidade científica brasileira. Desse modo, ressaltamos que não se

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

objetivou aqui uma generalização nos discursos dos pesquisadores brasileiros da área, mas sim uma análise dos textos por eles publicados nos dois principais fóruns de organização do conhecimento no país.

Relativo aos aspectos metodológicos, a pesquisa foi subsidiada pela técnica da Análise de Conteúdo, definida por Laurence Bardin (2003), que serviu como instrumento para análise e interpretação dos trabalhos publicados nos Anais dos ENANCIBs (GT2) e dos Congressos da ISKO-Brasil. Este percurso metodológico, descrito na seção três, permitiu a comparação entre ambos os contextos e a identificação de perspectivas distintas no que se referem à relação entre OC e CI.

Uma vez que a pesquisa utilizou a Análise de Conteúdo nos trabalhos publicados no referidos Anais de congresso, torna-se claro que o foco em questão foi o discurso produzido por esses eventos, aqui considerados como “falas” da comunidade científica brasileira.

2 ENUNCIADOS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: TRÊS PERSPECTIVAS

A atividade científica desenvolvida no século XXI, especialmente nas áreas que dialogam com as ciências humanas e sociais, não costuma ser categórica ao abordar uma única perspectiva para tecer suas reflexões. Nesse sentido, iniciamos nossa investigação procurando identificar na literatura produzida pela organização do conhecimento (OC) diferentes perspectivas adotadas ao se definir a relação desta última com a Ciência da Informação (CI).

Apesar de distintas, as perspectivas a respeito da OC que serão aqui apresentadas não são necessariamente excludentes, e podem auxiliar na compreensão epistemológica deste espaço científico que, embora “jovem”, já não se encontra mais em seu estado embrionário (SALES, 2016).

Dahlberg (1993, 1995, 2006 e 2014) e Hjørland (2003, 2008), embora com perspectivas distintas, são autores que sustentam, no âmbito da ISKO, um discurso de uma organização do conhecimento enquanto campo de estudo autônomo. Essa ótica de OC enquanto campo de estudo pode ser encontrada, para citar alguns exemplos, em Ohly (2012), Guimarães, Oliveira e Gracio (2012) e Barros e Moraes (2012).

Segundo Sales (2015; 2016), o discurso de uma organização do conhecimento enquanto novo campo de estudo se fundamentava, em finais do século XX, nos enunciados de Dahlberg (1993, 1995), em que a autora definia o escopo, os fazeres profissionais, os aspectos institucionais, a classificação da literatura especializada e as tendências da OC. No

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

início do século XXI, Dahlberg continuava sendo figura central na tentativa de consolidar a OC como uma área autônoma e independente, chegando a atribuir à OC o *status* de “disciplina científica” e/ou “ciência” (DAHLBERG, 2006; 2014).

É possível verificar nos trabalhos de Dahlberg (2006; 2014), uma perspectiva que localiza a OC como uma subárea de um sistema universal da Ciência da Ciência, desvinculando, intencionalmente, a OC da CI, bem como da Biblioteconomia e da Documentação. Os enunciados publicados por Dahlberg (1993; 1995; 2006; 2014) tornam clara a intenção que a autora tinha em emancipar a OC de qualquer área ligada estritamente à informação, o que nos permite, minimamente, a constatação de que, para a autora, a OC se caracterizaria como uma meta-ciência ou, mesmo, uma nova ciência.

Hjorland (2003; 2008) apresentou, em princípios deste século, a distinção entre a organização cognitiva do conhecimento e a organização social do conhecimento. No que diz respeito à organização cognitiva do conhecimento (sentido estrito), Hjorland (2003; 2008) afirmava se tratar da organização efetivamente praticada nas unidades de informação (bibliotecas, arquivos, bases de dados etc.), voltada, por sua vez, aos estudos atinentes aos processos e às construções instrumentais de organização do conhecimento.

Por organização social do conhecimento (sentido amplo), Hjorland (2003; 2008) afirmou se tratar basicamente das organizações e categorizações das profissões e das disciplinas, ou seja, a divisão social do labor humano, como, por exemplo, a organização dos currículos universitários, as classificações das diferentes disciplinas e as tabelas que formalizavam as ocupações profissionais dos países (SALES, 2016). Cabe ressaltar que a distinção proposta por Hjorland de modo algum procurou separar a organização do conhecimento em seu sentido estrito (como a praticada nas unidades de informação) da organização do conhecimento praticada em seu sentido mais amplo (como a presente nas estruturas sociais), pois, para o autor, tratavam-se de manifestações distintas que compunham juntas o chamado campo da organização do conhecimento. Entendemos que o caminho proposto por Hjorland (2003; 2008) foi uma tentativa de ampliar o conceito de OC para trata-la como campo autônomo.

Entretanto, é na organização cognitiva do conhecimento que Hjorland situa a relação da OC com a CI, afirmando que a Ciência da Informação e a Biblioteconomia são disciplinas centrais para a organização do conhecimento praticada nas unidades de informação. Nota-se, em Hjorland (2003; 2008), uma perspectiva que aborda OC e CI como áreas distintas, porém,

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

intensamente relacionadas para o desenvolvimento de atividades específicas em unidades de informações.

Ainda na primeira década do século XXI, trabalhos publicados nos Anais dos capítulos internacionais da ISKO revelam a predominância de uma perspectiva que define a OC como um “fazer” de natureza “operacional” (GARCIA, OLIVEIRA, LUZ, 2000; GREEN, 2002; GÁRCIA GUTIÉRREZ, 2002), voltado para a construção de sistemas de organização do conhecimento (KENT, 2000; GREEN, 2002; ZHEREBCHEVSKY, 2010; SOUZA; TUDHOPE; ALMEIDA, 2010). Nesse sentido, percebe-se uma OC fortemente ligada ao desenvolvimento de processos e instrumentos próprios da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, mais especificamente, processos e instrumentos ligados ao tratamento temático da informação (FOSKETT, 1973).

Essa perspectiva, que insere a pesquisa de organização do conhecimento no contexto do tratamento temático da informação, dialoga com a concepção de uma organização do conhecimento que cumpre um papel nuclear e mediador no cerne da Ciência da Informação. Normalmente, este enfoque encontra respaldo na perspectiva que prefere abordar a organização do conhecimento como um tema próprio da CI, caracterizando o que, pode-se dizer, uma relação de pertencimento.

Vale destacar que as diferentes perspectivas aqui apontadas, muito provavelmente, justificam-se no fato de as mesmas serem concebidas por diferentes tradições em tempos igualmente distintos: uma perspectiva mais filosófica, promovida por Dahlberg na segunda metade do século XX; uma perspectiva mais sociológica, alavancada por Hjørland em princípios do século XXI e; uma perspectiva mais técnica, de tradição biblioteconômica, disseminada pelos estudos de tratamento temático da informação, a partir da década de 1960.

Diante disso, apresentamos, a seguir, as três perspectivas que adotamos como possíveis enunciados da organização do conhecimento e que, por sua vez, serviram para orientar a presente pesquisa:

- *Perspectiva 1:* evidencia a intenção de independência enquanto disciplina científica, posicionando-se como um subcampo de uma Ciência da Ciência. Fornece indícios da intencionalidade de tratar a OC como campo ou disciplina científica autônoma e desvinculada da CI. Nessa perspectiva, a OC não tem relação com a CI;

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

- *Perspectiva 2:* vale-se de assuntos próprios da CI para resolver apenas parte da OC, mais especificamente, a parte relativa à organização cognitiva do conhecimento, como aqueles assuntos que dizem respeito às unidades de informação. Essa perspectiva, que aborda ambas as áreas como áreas distintas, coloca a CI em constante diálogo com a OC, não destacando nenhuma relação de pertencimento.
- *Perspectiva 3:* tradicionalmente coloca a OC como parte integrante da CI e parece não buscar independência, mas contribuir para o espaço central da CI. Essa abordagem encontra apoio na tradição que coloca a OC em diálogo direto com o tratamento temático da informação, desenvolvido no e para o ambiente informacional.

As perspectivas descritas acima serviram como variáveis de inferência para a análise que procurou compreender como os trabalhos do GT2 da ANCIB e da ISKO-Brasil vêm abordando as relações entre OC e CI.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE NOS TRABALHOS DO GT2 DA ANCIB E DA ISKO-BRASIL

A análise dos trabalhos do GT2 da ANCIB e da ISKO-Brasil foi realizada por meio dos princípios estabelecidos pela Análise de Conteúdo, que consiste em um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2003, p. 38, tradução livre). Por outro lado, a abordagem da Análise de Conteúdo permite também que o pesquisador faça interpretações (controladas por variáveis de inferências) dos conteúdos investigados.

O universo da presente pesquisa foi formado pelos textos publicados nos Anais dos ENANCIBs (de 2003 a 2016) e nos Anais dos Congressos da ISKO-Brasil (2011, 2013 e 2015). Este recorte temporal foi definido de modo a contemplar todas as publicações produzidas por ambos os contextos no século XXI.

Assim, o universo da investigação foi formado por dois conjuntos de trabalhos publicados (na modalidade de comunicação oral) nos respectivos Anais: a) Anais dos ENANCIBs (apenas trabalhos do GT2) – 358 trabalhos; b) Anais dos Congressos da ISKO-Brasil – 138 trabalhos.

Uma vez definido o universo da investigação, a etapa seguinte foi a criação do *corpus* da análise, que foi constituído pelo conjunto dos textos que efetivamente foram analisados.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Para a criação do *corpus* de análise foram consideradas as quatro regras definidas por Bardin (2003): a) regra da exaustividade, b) regra da representatividade; c) regra de homogeneidade e; d) regra de pertinência.

O *corpus* da análise contemplou somente trabalhos de autoria brasileira, uma vez que o objetivo da pesquisa estava direcionado à compreensão relativa à comunidade científica brasileira. Compuseram efetivamente o *corpus* da análise apenas os trabalhos que em algum momento de seu conteúdo se referiam à relação da OC com a CI, o que permitiu chegar a um número de 66 trabalhos provenientes do GT2 (ANCIB) e 27 trabalhos provenientes da ISKO-Brasil. Portanto, em números totais, o *corpus* da análise ficou definido por 93 publicações. Como uma das estratégias da pesquisa era comparar ambos os contextos, a análise foi realizada separadamente, ou seja, primeiro se analisou o contexto do GT2 e, posteriormente, o contexto da ISKO-Brasil.

Dos 358 trabalhos dos ENANCIBs, somente 66 faziam alguma menção à interface existente entre a OC e a CI, correspondendo a 18,5% do total de publicações. De modo muito semelhante, dos 138 trabalhos da ISKO-Brasil, apenas 27 traziam em seu conteúdo a relação entre OC e CI, correspondendo a 19,5%. Esses números iniciais revelam, preliminarmente, uma possível sintonia entre ambos os contextos.

Para organizar a análise das informações extraídas dos trabalhos analisados, foram definidas variáveis de inferência, que permitiram investigar mais a fundo as ideias apresentadas nos textos. Vale destacar que as variáveis de inferência servem como elementos fundamentais para a realização de uma interpretação controlada, ou seja, se por um lado a Análise de Conteúdo permite a interpretação do analista, por outro ela lança mão de dispositivos que controlam e orientam a interpretação.

As variáveis de inferência que orientaram a presente análise foram inspiradas pelas três perspectivas descritas no tópico anterior:

- Variável 1 - a OC como um espaço investigativo autônomo desvinculado da CI;
- Variável 2 - a OC como um espaço investigativo autônomo que se relaciona com a CI;
- Variável 3 - a OC como tema próprio da CI, ou seja, a OC como uma subárea da CI.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Tomando por base as mencionadas variáveis, cada trabalho foi analisado de modo a verificar se suas concepções a respeito da relação existente entre OC e CI se aproximavam de alguma dessas perspectivas extraídas da literatura.

Segundo Bardin (2003), após a construção do corpus e da definição das variáveis de inferência que servirão de parâmetros para a análise, o passo seguinte é a exploração do material, ou seja, a realização da análise propriamente dita. A realização da presente análise prosseguiu com base nos seguintes passos:

- Leitura automática: com o auxílio do editor eletrônico do próprio texto, realizou-se uma busca pelos trechos “no conteúdo do texto” que faziam menção ao termo “organização do conhecimento” e “ciência da informação”, de modo a localizar efetivamente a parte em que o autor abordava a relação entre OC e CI;
- Uma vez localizada a parte em que a relação entre ambas estava explícita no conteúdo, realizou-se uma leitura interpretativa das respectivas partes;
- A interpretação foi controlada pelas variáveis de inferência, verificando se a relação estabelecida pelo autor se aproximava mais da variável 1, da variável 2 ou da variável 3. Constatada alguma aproximação, definia-se que aquele texto se inseria na abordagem 1, 2 ou 3.
- Após esta análise interpretativa, foi possível verificar em qual abordagem determinado texto se inseria, permitindo a quantificação que será apresentada nos resultados mais adiante.

Para que o procedimento adotado na análise fique mais claro ao leitor, apresentamos dois exemplos:

- No texto de Moraes e Campos (2015, p. 4), há a seguinte afirmação: “Como forma de explicitar qual o escopo da área, em seus aspectos gerais e de uma forma didática, Gnoli (2011) se baseia em (MCLLWAIN; MITCHELL, 2008) para afirmar que a Organização do Conhecimento é um domínio interdisciplinar com influência de outras áreas, como: Filosofia; Biblioteconomia e Ciência da Informação; Computação; Linguística; Sociologia; dentre outras”. Os autores deste texto, Moraes e Campos (2015), lançam mão dessa definição para afirmar que a OC é um domínio autônomo que se relaciona com outros domínios, dentre eles, a CI. Tal constatação permite inserir o respectivo texto na **variável 2** desta pesquisa.

- No texto de Souza (2005, p. 1), há a seguinte afirmação: “A Organização do Conhecimento é área tradicional de pesquisa e ensino em Ciência da Informação. Grande parte da literatura nesta área trata dos processos, das atividades e dos instrumentos especialmente desenvolvidos no tratamento de documentos para armazenamento, disseminação, recuperação e uso em sistemas e serviços de informação”. Esta afirmação faz com que o texto em questão seja colocado no contexto da **variável 3** da pesquisa.

Desse modo, apresentamos a seguir os resultados da análise.

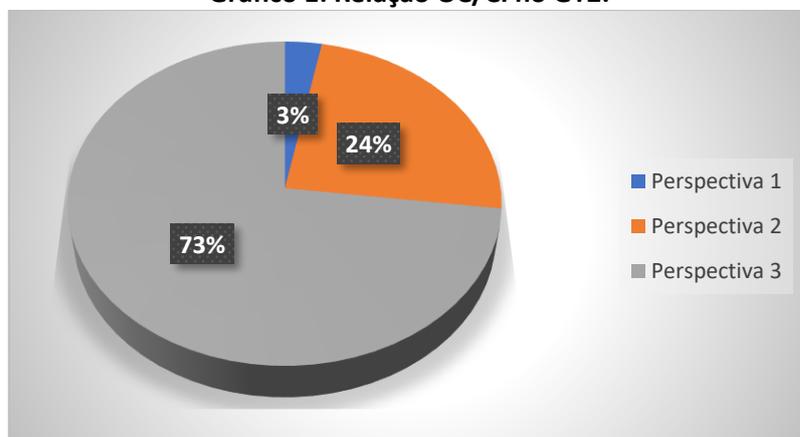
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É importante frisar que a análise nos conteúdos dos trabalhos investigados proporcionou resultados quantitativos, que permitiram constatar quais perspectivas são mais predominantes em ambos os contextos analisados, e qualitativos, que permitiram colocar em relevo aspectos importantes para se discutir as interfaces entre OC e CI.

4.1 Resultados da Análise no GT2 (ANCIB)

Os resultados da análise realizada no contexto do GT2 da ANCIB, como pode ser constatado no Gráfico 1, explicitaram certo domínio da Perspectiva 3, que traz a concepção de uma relação de pertencimento, na qual a OC é tratada como um tema ou como uma subárea da CI. O Gráfico 1 apresenta os resultados obtidos neste primeiro contexto analisado em números percentuais.

Gráfico 1: Relação OC/CI no GT2.



Fonte: Elaborado pelo autor – 2017.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Verifica-se que a maioria, para ser mais exato, 48 dos 66 trabalhos analisados, convergem com a Perspectiva 3, entendendo que a OC é um tema especializado no domínio da CI, ou, então, uma subárea inserida na área da CI. Isso significa que cerca de 73% dos trabalhos se aproximam da concepção biblioteconômica que prefere abordar a organização do conhecimento no bojo do tratamento temático da informação, que abrange tanto o desenvolvimento teórico-metodológico, quanto o desenvolvimento processual e instrumental da organização do conhecimento no núcleo da CI.

Por outro lado, cerca de 24% (16 dos 66 trabalhos) dialogam mais com a concepção formalizada pela Perspectiva 2, que compreende a OC e a CI como áreas distintas que estão constantemente se inter-relacionando para a resolução e desenvolvimento de questões específicas, próprias das unidades de informação. Esta concepção se assemelha à perspectiva mais sociológica de Hjørland, que a aborda na chamada organização cognitiva do conhecimento.

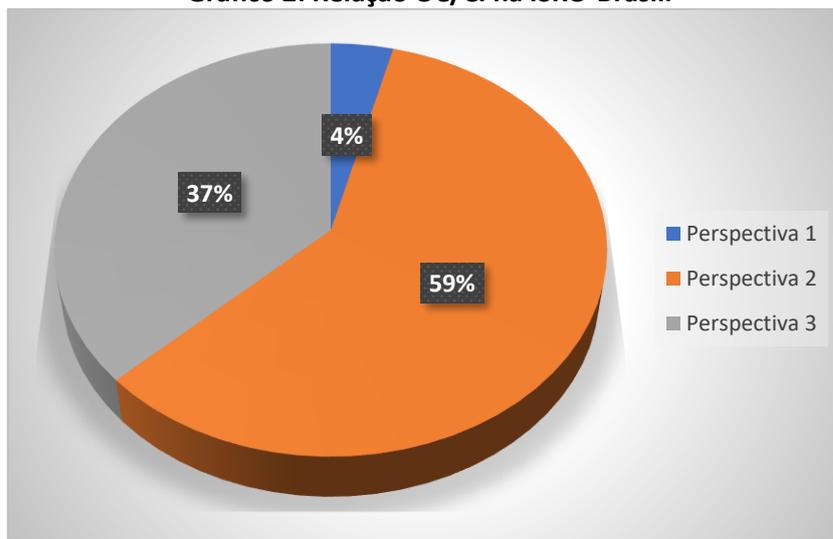
Apenas 3% do corpus analisado (2 dos 66 trabalhos) converge com a Perspectiva 1, de que a OC é um espaço investigativo autônomo que não se relaciona com a CI, ou, como prefere Dahlberg (2006), que a OC é uma nova ciência.

O que se constata nos trabalhos do GT2 é uma conformidade com a organização dos GTs proposta pela ANCIB, uma vez que cada GT, segundo a própria ANCIB, atua em temas especializados da Ciência da Informação. Assim, a grande maioria dos trabalhos do GT2 corroboram com a ideia de que a OC é um tema especializado abordado no âmbito da CI. Mais que isso, os resultados da análise sugerem que a perspectiva biblioteconômica para a organização do conhecimento, que dá contornos para uma relação de pertencimento (OC pertencendo à CI) encontra conformação no contexto da ANCIB.

4.2 Resultados da Análise na ISKO-Brasil

No âmbito da ISKO-Brasil, por sua vez, foi possível observar um predomínio dos trabalhos que preferem abordar a relação da OC com a CI de acordo com a Perspectiva 2, na qual OC e CI estão em constante interlocução, conforme apresentado no Gráfico 2. O Gráfico 2 apresenta os resultados obtidos neste segundo contexto analisado em números percentuais.

Gráfico 2: Relação OC/CI na ISKO-Brasil.



Fonte: Elaborado pelo autor – 2017.

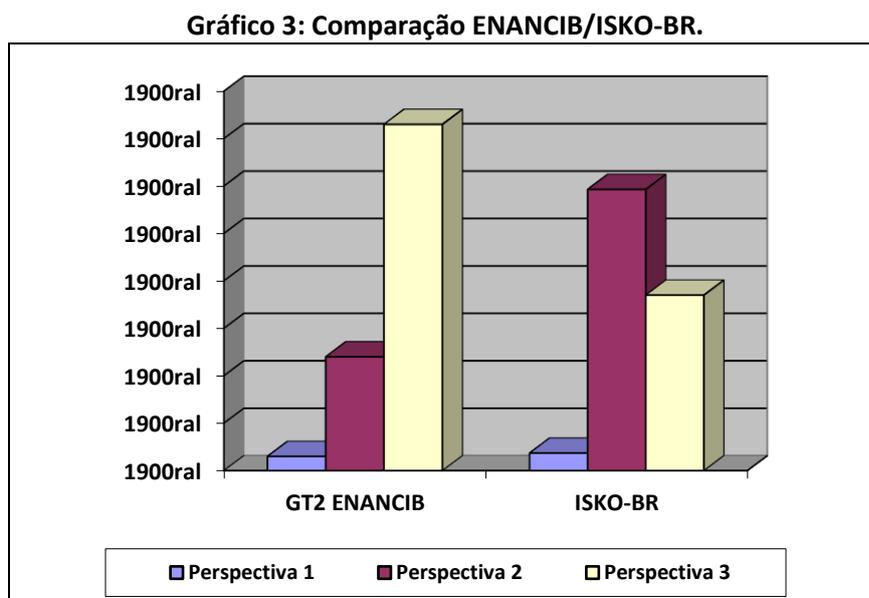
Nota-se que a maioria dos textos analisados, cerca de 59% (16 dos 27 trabalhos), convergem com a Perspectiva 2, entendendo que a OC é um espaço investigativo autônomo que guarda forte interlocução com a CI. Logo em seguida, 37% dos trabalhos (10 dos 27 analisados), abordam a OC de fato como um tema especializado ou uma subárea da CI, aproximando-se definitivamente da Perspectiva 3. Somente 1 dos 27 trabalhos analisados no contexto da ISKO-Brasil, o que corresponde a pouco menos de 4% do total, converge com a Perspectiva 1, de que a OC é um espaço autônomo que não se relaciona com a CI. É no mínimo curioso verificar que justamente no contexto da ISKO-Brasil, representante brasileira da ISKO Internacional, a ideia de Dahlberg, fundadora da ISKO, que tenta colocar a OC como uma nova ciência, ou meta-ciência de um sistema científico universalista, não alcançou repercussão significativa.

A ISKO-Brasil, que figura como um dos maiores capítulos da ISKO no cenário internacional, embora venha, majoritariamente abordando a OC como um espaço investigativo autônomo, não parece querer emancipar a OC da CI, como pretende Dahlberg. O cenário que se revela no âmbito da ISKO-Brasil é o de que suas pesquisas vêm gradativamente compreendendo que a OC alcançou um status de espaço investigativo autônomo que está em constante diálogo com a Ciência da Informação. Em outras palavras, a OC, segundo esta comunidade científica, não se configura mais apenas como o tema pertencente à CI. O protagonismo da OC como subárea da CI, como abordado pela própria pesquisa brasileira no contexto da ANCIIB, é dividido agora com a ideia de que a OC consiste

em um novo espaço de investigação que, transbordando a perspectiva inicialmente desenvolvida no país, imprime seus próprios contornos epistemológicos e se revela como uma área emergente.

4.3 Comparação entre GT2 (ANCIB) e ISKO-Brasil

Ao cotejar os contextos do GT2 (ANCIB) e da ISKO-Brasil, com o intuito de mais bem compreender a pesquisa brasileira em organização do conhecimento, observamos duas “falas” distintas no que se referem as interfaces entre OC e CI. O domínio de uma perspectiva que insere a OC dentro da CI, revelada no contexto da ANCIB (GT2), difere da preferência de se abordar a OC como área distinta e relacionada à CI, verificada no contexto da ISKO-Brasil. O Gráfico 3 explicita esta diferença.



Fonte: Elaborado pelo autor – 2017.

A comparação entre ambos os contextos deixa mais clara a constatação de que a “fala” proveniente do GT2 reflete uma visão própria de um fórum da área da Ciência da Informação, ao passo que a “fala” vinda da ISKO-Brasil reflete uma visão própria de um fórum da área da *Knowledge Organization*. Este último enaltece o transbordamento da OC enquanto espaço investigativo autônomo que se relaciona intensamente com a CI. Embora haja de fato um transbordamento da OC com relação aos limites epistemológicos e institucionais da CI, não há, segundo a pesquisa, uma intenção de desvincular a OC da CI.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

A institucionalização de um novo espaço de pesquisa em organização do conhecimento no país parece ter dado efetivamente voz a uma nova fala. Porém, esta fala não denota uma exclusão ou uma negação daquela proferida pelas pesquisas dos membros da ANCIB, pelo contrário, revela uma complementariedade, revela, minimamente, uma realidade científica brasileira mais plural no que se refere à relação existente entre OC e CI.

Os aspectos instrumentais, teóricos, metodológicos, conceituais, práticos, históricos e institucionais da OC cada vez mais são tratados sob diferentes perspectivas. No caso especificamente do Brasil, observa-se, com a presente pesquisa, duas falas distintas se solidificando em dois fóruns igualmente distintos, porém, em constante diálogo.

O leitor poderia se perguntar se no contexto do GT2 (ANCIB) não ocorreu uma modificação na forma de se relacionar OC e CI após o surgimento da ISKO-Brasil. A análise aqui realizada constatou que não. Constatou que mesmo após a realização do primeiro congresso da ISKO-Brasil, em 2011, a fala comunicada nos trabalhos do GT2 permaneceu privilegiando a ótica da OC como tema da CI. Para ser mais exato, dos 48 trabalhos que abordaram a OC inserida na CI, 23 foram publicados antes de 2011 e 25 trabalhos foram publicados depois de 2011. Desse modo, pode-se inferir que a criação da ISKO-Brasil deu lugar a uma nova visão e a uma nova possibilidade de pesquisa e de entendimento, imprimindo uma pluralidade de abordagens.

O fato do discurso do GT2 ter permanecido majoritariamente o mesmo após o surgimento dos congressos da ISKO-Brasil demonstra, no contexto brasileiro, uma convivência de pelo menos duas perspectivas distintas para a relação OC e CI. Tal fato só tende a enriquecer o debate da OC no Brasil.

Uma semelhança notória entre ambos os contextos é a inexpressiva adoção da perspectiva que busca emancipar ou distanciar ambas as áreas, o que revela que a OC e a CI no Brasil estão, do ponto de vista epistemológico, unidas sob diferentes óticas. Tratam-se de dois fóruns e duas falas comungando do mesmo objetivo, desenvolver e aprimorar os assuntos atinentes tanto à organização do conhecimento quanto à Ciência da Informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o universo acadêmico-científico dos dias atuais prefere não adotar a ortodoxia de encerrar suas pesquisas com conclusões categóricas, mas sim abrir espaço para novos desdobramentos, optamos por concluir este trabalho trazendo à tona alguns

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

questionamentos suscitados por esta pesquisa que, porventura, possam causar inquietações que estimulem novos estudos.

Dado o fato de que a presente investigação direcionou o foco exclusivamente aos conteúdos dos trabalhos publicados em ambos os contextos, de modo a se concentrar exclusivamente na “fala” dos autores, e não necessariamente nos próprios autores, uma análise centrada nos pesquisadores poderia alcançar resultados igualmente relevantes. Por exemplo: os pesquisadores que publicam no GT2 da ANCIB são os mesmos que publicam na ISKO-Brasil? Os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores são apresentados em ambos os contextos, mas com enfoques diferentes? A institucionalização de um novo espaço (ISKO-Brasil) significa a “consequência” ou a “causa” de uma nova fala no cenário brasileiro? A fala é preponderante para a criação dos espaços ou os espaços são hegemônicos para a estabilização das falas?

Essas são algumas perguntas que podem movimentar a discussão epistemológica da organização do conhecimento e sua interface com a Ciência da Informação no Brasil. Por enquanto, o que esta pesquisa tornou possível inferir foi que, no Brasil, OC e CI estão ligadas com diferentes graus de parentesco. De forma análoga, poderíamos afirmar existir uma relação maternal da CI com relação à OC no âmbito da ANCIB, e uma relação fraternal no âmbito da ISKO.

REFERÊNCIAS

ANCIB. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em <<http://www.ancib.org.br/menu-lateral/anuidade-da-ancib>>. Acessado em: 02 ago. 2017.

BARDIN, L. **L' analyse du contenu**. 7 ed. Paris: PUF, 2003. 296 p. (Le Psychologue, 69).

BARROS, T. H. B.; MORAES, J. B. E. Archival classification and knowledge organization: Theoretical possibilities for the archival field. In Categories, contexts and relations in knowledge organization: **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2012, p. 272-276.

DAHLBERG, I. Current trends in Knowledge organization. In: GARCIA MARCO, F. J. (Org.). **Organización del conocimiento em sistemas de información y documentación**. Zaragoza: Universidad de Zaragoza. 1995, p. 7-25.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organization**. v. 33, n. 1, 2006, p. 11-19.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

- DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**. v. 20, n. 4, 1993, p. 211-222.
- DAHLBERG, I. What is knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 1, 2014, p. 85-91.
- FOSKETT, A.C. **A abordagem temática da informação**. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed. UnB, 1973.
- GARCIA, S. M. M.; OLIVEIRA; LUZ, G. M. S. Knowledge organization for query elaboration and support for technical response by the internet. In: Dynamism and stability in knowledge organization: **Proceedings...** Würzburg: Ergon. 2000. p. 189.
- GÁRCIA GUTIÉRREZ, A. L. Knowledge organization from a culture of the border: towards a transcultural ethics of mediation. In: Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries: **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2002, p. 518.
- GREEN, R. Conceptual universals in knowledge organization and representation In: Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: Integration of knowledge across boundaries: **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2002, p. 15.
- GUIMARÃES, J. A. C.; OLIVEIRA, E. T.; GRACIO, M. C. C. Theoretical referents in knowledge organization: A domain analysis of the knowledge organization journal. In: Categories, contexts and relations in knowledge organization: **Proceedings...** Würzburg: Ergon. 2012, p. 31-38.
- HJORLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge. Organization**. v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.
- HJORLAND, B. What is knowledge organization (KO)? **Knowledge Organization**. v. 35, n. 3/2, p. 86-111, 2008.
- ISKO-BRASIL. International Society for Knowledge Organization. Disponível em <<http://isko-brasil.org.br>>. Acessado em 04 set. 2017.
- KENT, R. E. The information flow foundation for conceptual knowledge organization. In: Dynamism and stability in knowledge organization: **Proceedings...** Würzburg: Ergon. 2002, p. 111.
- MORAES, R. P. T. de; CAMPOS, M. L. de A. Mapeamento temático das comunicações orais do GT2: uma análise por instituições. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). **Anais...** João Pessoa: UFPB, 16, 2015.
- OHLY, H. P. Mission, programs, and challenges of knowledge organization. In: Categories, contexts and relations in knowledfe organization: **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2012, p. 15-23.
- SALES, R. Knowledge Organization in the Brazilian Scientific Community and Its Epistemological Intersection with Information Science. In: Knowledge Organization for a

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Sustainable World: Challenges and Perspectives for Cultural, Scientific, and Technological Sharing in a Connected Society. **Proceedings...** Würzburg: Ergon-Verlag, 2016, v. 15, p. 67-74.

SALES, R. O diálogo entre a organização do conhecimento e a Ciência da Informação na comunidade científica da ISKO-Brasil. In: Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes. **Anais...** João Pessoa, PB: UFPB, 2015. v. XVI. p. 1-21.

SOUZA, F. das C. **Modernização e biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003. 222p.

SOUZA, R. F. de. Organização e representação de áreas do conhecimento em ciência e tecnologia: princípios de agregação em grandes áreas segundo diferentes contextos de produção e uso de informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 6. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUZA, R. R.; TUDHOPE, D.; ALMEIDA, M. B. The KOS spectra: a tentative faceted typology of knowledge organization systems. In: Paradigms and conceptual systems in knowledge organization. **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2010, p. 122.

ZHEREBCEVSKY. Formalism in knowledge organization. In: Paradigms and conceptual systems in knowledge organization. **Proceedings...** Würzburg: Ergon, 2010, p. 98.